



Os pagodeiros

"[...] [o] amor pelas

peSSoas como elas

são nasce do ódio

no homem correto"

(Theodor Adorno).

e outros

abusos:

antropologia

sem açúcar

há algumas décadas, no Brasil, os negros desenvolveram e têm cultivado um hábito que é revelador de um gosto, no mínimo, extravagante; e que sugere um *ethos* verdadeiramente singular: reunir-se em saletas mal ventiladas com a intenção premeditada de lamuriar-se, resmungar, zangar-se, esconjurar o homem branco, fazer votos de redenção e fuxicar um pouco – e até, quem sabe, arrumar um namorado(a)... De um modo geral, esses pagodes terminam bem, com a promessa tácita de todos voltarem a se reunir, ali mesmo ou alhures, numa data acordada.

Evidentemente, um tal exotismo não poderia passar despercebido dos antropólogos (estes perversos), que, rápido, reconheceram a necessidade de cunhar um neologismo para se referirem àquele ritual lúdico-catártico tão fascinante: chamaram-no de “movimento negro”.

Em que pesem os esforços de cooptação realizados pelos adeptos dessas seitas e os seus ensaios de formação de uma irmandade nacional, o terem sido descobertos pela academia (e depois pela mídia eletrônica) foi a melhor sorte que poderia ocorrer a esses bizarros. Súbito, entidades, fundações, sindicatos, instituições, corporações (nacionais e estrangeiras) e órgãos públicos tomaram conhecimento de sua existência e viram-se constrangidos a reconhecer sua “legitimidade”. Desde então, aquelas reuniões melancólicas em salinhas sem janela têm dado vez, periodicamente, a grandes encontros estaduais ou nacionais

MAURO GÖPFERT CETRONE

(naturalmente, patrocinados pelo dinheiro do “inimigo”), não raro, em confortáveis auditórios com ar refrigerado e com direito a divulgação na grande imprensa e passagens aéreas para as lideranças – isto é, aqueles pretos mais sabidos que puderam, talvez, perambular por uma universidade, esbarrar nos corredores com brancos ilustrados, bisbilhotar suas conversas e aprender seus trejeitos e maneirismos.

Este novo cenário tem sido o palco para a *performance* de novos atores da cena brasileira – “os negros de classe média”, de que aqueles militantes são apenas a expressão mais espalhafatosa. Ocorre que a novidade do espetáculo tem dado oportunidade a apreciações e comentários que, sob a aparência de penetrantes, só arranham a superfície. Resta-nos discordar, sem intenção polêmica; apenas com esperança de distinguir o aparente do justo e, se possível, colaborar com a higienização dos costumes.

Pessoalmente, considero pouco verossímil a opinião corrente segundo a qual aqueles “ongueiros”, bolsistas vários, professores, sindicalistas, assessores, etc. (enfim, todos esses simpáticos barnabés) sejam guiados unicamente pelo propósito mesquinho de conquistar, preservar e ampliar suas sinecuras. É claro que este motivo é importante (é legítimo, diga-se): um homem tem que ganhar a vida! Contudo, apenas se fôssemos uns ingênuos, isto é, se fôssemos marxistas e acreditássemos que os homens são movidos fundamentalmen-



MAURO GÖPFERT CETRONE é graduando em Filosofia e membro do Núcleo de Consciência Negra da USP.

te por seus interesses econômicos, só neste caso, aquela opinião frívola pareceria fazer sentido.

Mas sabemos que as coisas se passam de outro modo; que a paixão que agita as criaturas humanas é a vaidade, mais que a cupidez. É por isso que o movimento negro brasileiro não se explica somente pelas poucas vantagens materiais (quase simbólicas...) que tem sido capaz de oferecer a seus expoentes (os proprietários das “entidades” e amigos).

É preciso reconhecer nele a tradução legítima da vaidade dos “negros de classe média” – esta última expressão, utilizo-a apenas por comodidade lingüística; ela não é adequada e induz a erro. Com efeito, só o hábito brasileiro de resolver no plano da linguagem aquelas mazelas e contradições sociais que não encontram solução real explica que se denominem negros de classe média aqueles bisnetos de escravos que tão-somente escaparam da indigência. Embora seja preciso reconhecer que estes pretos que abandonaram o estado famélico têm realizado um corajoso e comovente esforço para serem reconhecidos, de direito, na categoria de cidadãos-consumidores. Até onde permitem os malabarismos com seus orçamentos domésticos, estes negros (militantes à frente) têm se empenhado heroicamente para mimetizar os hábitos de consumo e lazer dos brancos quase-letrados dos estratos médios (dos leitores da “Ilustrada”, eu teria dito, se pretendesse ser exato à custa de ser entendido apenas por paulistas). De fato, alguns destes pretos até já foram vistos xeretando em livrarias e todos têm em casa sua coleção de CDs de liquidação; excursionam pelo país inteiro de ônibus e sempre carregam consigo uma agenda cheia de nomes de gente importante – infelizmente, gente importante que não tem lhes dado muita importância. Nem é preciso dizer que estes aristocratas negros (e particularmente seus componentes femininos) compreendem perfeitamente as restrições que sua condição superior lhes impõe; e em vão pretenderíamos acusá-los de promiscuidade com os negros da ralé. Quanto aos negros ver-

dadeiramente estabelecidos, só há uma profissão em que procurá-los: os engolidores de sapo. Mas, em tempos de correção política, o pai-João aderiu ao radicalismo consentido e à contestação ruidosa da ordem como meio eficaz de integrar-se nela; e quase trocamos o seu nome!

Assim, a má-consciência dos brancos pode descansar em paz; esta elite marrom é testemunha de que vivemos uma verdadeira democracia racial: aqui o sol nasce para todos.

O que querem, afinal, estes pretos que já não passam fome? Ao que parece, querem tornar-se homens. E não estão dispostos a tolerar rodeios sobre o significado deste termo: trata-se, simplesmente, de arrumar um emprego (ou, melhor do que isso, pensaria secretamente o militante, uma função) que remunere bem; o suficiente para comprar uma casa bonita, um carro bonito e uma mulatinha bonita. Mas, não por cupidez, insisto, por vaidade. A vaidade de tornar-se homem.

Assim, pode-se dizer que o movimento negro brasileiro transcende seus militantes – diz respeito a todos os negros remediados – e seu futuro não depende das veleidades dos seus dirigentes. O que não nos autoriza a supor que tem algo a ver com a política. Qualquer um que já teve notícia do que foi a luta dos negros norte-americanos pelos direitos civis e da natureza das tarefas que ela impôs aos líderes e militantes afro-americanos compreende, sem esforço, a razão por que o movimento negro brasileiro não tem nada a ver com a política e seria aconselhável encontrar outro ramo de negócios em que seus militantes tivessem acumulado maior experiência; a indústria do turismo popular talvez. De qualquer modo quanto aos *scholars* mirins do movimento, só nos cabe elogiá-los por serem capazes de conter seus impulsos revolucionários e nunca se meterem em arruaças ou inseqüentes atentados à ordem pública. Também é preciso não desdenhar do modo como se agarram a seus *papers* e apostilas como um naufrago segura sua bóia. Estes eruditos têm muitas orelhas de livros para ler e só devem deixar a universidade com o

nome de doutor. Sua missão: forjar a cosmovisão africana e fundar os pilares da insurreição...

Mas não seria também o caso de perguntar se o humor tropical do negro brasileiro, sua bonomia, seu espírito festivo e temperamento efeminado – a referência não é pejorativa – não o incompatibilizam com as tarefas históricas que a reversão do seu *status* subalterno exigiram? Não se aborrecam lideranças (?) negras, universitários *habitués* de seminários sobre a “questão étnica” e moças e rapazes de tranças, em geral: não ignoro a história dos quilombos, a Revolta dos Malês, etc. Apenas constato que os afro-brasileiros já compreenderam que o importante é “viver a vida” e que fazer a história é uma idiossincrasia dos povos europeus, neurastênicos e sexualmente reprimidos. No Brasil, a “elevação da raça” continua dependendo dos esforços solitários dos negros arrivistas e de sua saudável intuição de que a realização de seus anseios requer algum tipo de “ação entre amigos”; aliás, não é esta intuição que explica a origem e as feições do movimento negro brasileiro?

Mas, pelo que dissemos até aqui, talvez nos acusem de sermos parciais em nossa avaliação dos militantes negros brasileiros: de não considerarmos suas qualidades humanas. Ainda é tempo de reparar a situação. Porque, na verdade, estas pessoas são bem-intencionadas e muito divertidas – e só o fato de transformarem ressentimentos e frustrações em combustível para atividades socialmente relevantes e pessoalmente lucrativas já os torna especiais; quantos de nós somos capazes disto? Apenas não seria prudente tomá-los a sério demais.

Ou considere-se, por exemplo, seu discurso antimiscigenação e suas queixas habituais sobre os mestiços. Ora, aceito que mulatos não são criaturas confiáveis. Ou antes, que há poucas tarefas que se lhes pode confiar. Um exemplo: colocá-los em pé diante da porta (qualquer porta) para que controlem a entrada de negros. O entusiasmo juvenil com que executam este serviço pode enternecer uma alma mais sensível. Também são bons para fazer o troco, nos

ônibus, e pilotar os elevadores. Infelizmente, não parece haver muito mais que saibam fazer.

Então os militantes negros estão certos neste ponto. Apenas, seus comentários rbugentos sobre os casais mistos – “os negros bem-sucedidos se casam com brancas, blabláblá...” – deixam entrever menos reprovação do que inveja e destoam da sua opção preferencial pelas mulatinhas caucasóides.

Mas são pessoas simpáticas e esforçadas e é preciso colaborar com seus esforços.

Pessoalmente, sinto-me no momento pouco inclinado a tomar parte em suas iniciativas. Mas tenho dedicado alguma atenção ao problema racial brasileiro e não me negarei a propor uma solução. Ei-la: considerando que cinco séculos não foram suficientes para que o elemento africano se aclimatasse em terras do Brasil, apresentando o afro-brasileiro toda sorte de atitudes destoantes, condutas bizarras e um comportamento verdadeiramente patológico, não conviria patrocinar o regresso dessa população à mãe-África?

O custo de uma tal empresa seria menor do que poderia supor-se, tendo em vista que o número de pretos entre nós não deve ultrapassar algumas centenas de milhares, conforme afiança o IBGE. Em todo caso, as vantagens eugênicas e outras proporcionadas pela medida compensariam quaisquer esforços para levá-la a efeito: os brancos (e também os “acastanhados”, os “amarelos-escuros”, e os “morenos-puxado-pra-branco”) estariam, finalmente, desembaraçados para construir uma civilização completamente européia.

Quanto a mim, negro, ativista bissexto e curioso dos costumes das gentes, permanecendo aqui ou em safári pela África, quereria apenas ter algum tempo para dedicar a três questões que me atormentam:

- 1) Por que tão poucos querem caminhar pelo caminho que vai dar no Reino da Verdade?
- 2) Por que só nos restou a indiscrição como forma possível da generosidade?
- 3) A que se deve atribuir a natureza bovina do negro brasileiro?